

## COMUNICADO TÉCNICO

CT/89/EMBRAPA-CNPSA, Março/1985, p. 1-4

### **LESÕES NOS CASCOS E CLAUDICAÇÃO EM SUÍNOS PUROS DE PEDIGREE EM IDADE DE COMERCIALIZAÇÃO**

*Jurij Sobestiansky<sup>1</sup>*

*Ivo Wentz<sup>1</sup>*

*Paulo R. S. da Silveira<sup>2</sup>*

*Alfredo R. de Freitas<sup>3</sup>*

As perturbações de locomoção no suíno manifestam-se de diversas formas e têm diversas origens, podendo, nos reprodutores, dificultar ou mesmo impedir a cobrição e causar altas taxas de substituição. Nos leitões, estas alterações podem influenciar significativamente, tanto a mortalidade pré-desmame como levar a uma redução na taxa de crescimento. Nos animais de terminação, a conversão alimentar é diretamente proporcional à integridade do aparelho locomotor.

O desgaste da sola e as lesões da parede do casco, responsáveis por boa parte das claudicações ou manqueiras que afetam o suíno, podem ser causados por pisos não adequados à estrutura peculiar do casco dos suínos, bem como por piquetes localizados, por força das circunstâncias, em terrenos muito pedregosos.

Além disto, a umidade excessiva provocada pelas fezes, urina e água de limpeza desempenha papel importante como indutor do amolecimento do casco do suíno, predispondo-o às contusões e ao desgaste acentuado. Deve-se descartar, no entanto, que a ocorrência de lesões nos cascos de suínos não depende apenas de fatores ligados ao meio ambiente, mas, também, da qualidade do casco, podendo doenças carenciais, como a deficiência de biotina, serem responsabilizadas por lesões semelhantes.

No intuito de avaliar a incidência, o tipo e a localização de lesões nos cascos e sua influência sobre o andar dos suínos puros de pedigree, em idade de comercialização, foi realizado um levantamento em oito feiras e exposições. De um total de 1850 animais expostos examinaram-se, clinicamente, 1022 reprodutores (360 machos e 662 fêmeas) pertencentes a 94 granjas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O exame clínico constou de inspeção do animal parado e em movimento, seguido de exame de inspeção e palpação dos cascos, não se realizando, porém, o exame das demais articulações. De acordo com a gravidade da perturbação da função locomotora, as claudicações foram classificadas em leves, médias, graves e muito graves.

<sup>1</sup>Méd. Vet., D. M. V., EMBRAPA-CNPSA

<sup>2</sup>Méd. Vet., M. Sc., EMBRAPA-CNPSA

<sup>3</sup>Eng. Agr., M. Sc., EMBRAPA-CNPSA

## Resultados e Comentários

As Tabelas 1 e 2 apresentam, respectivamente o número de reprodutores examinados e sua distribuição entre as raças e a frequência de claudicações em função da presença de lesões nos cascos.

Conforme os dados da Tabela 1 foi observado um percentual de 38% de reprodutores com claudicações leves e médias. Não foram observados animais com claudicações classificadas como graves e muito graves. Confrontando estes resultados com os obtidos por outros pesquisadores em exposição (taxa de 7,7% de claudicações), verifica-se que este percentual é relativamente elevado. No entanto, comparando-se com resultados relatados em observações de mesma natureza, em um plantel de reprodutores de um rebanho comercial (taxa de 90,4% de claudicações), pode-se considerar a taxa de 38% relativamente baixa. Esta menor incidência em reprodutores destinados a exposições deve-se provavelmente, aos cuidados com que são preparados para tal. Os animais são alojados, muitas vezes em baias com baixa lotação, com cama para evitar lesões e com acesso a piquetes gramados, ao passo que os reprodutores efetivos das granjas são manejados, geralmente, de uma forma mais restrita e confinados.

A ocorrência de claudicações foi influenciada pela raça, sendo que os reprodutores da raça Duroc apresentam incidência significativamente menor comparada à das raças Landrace e Large White, não havendo diferença entre estas duas. A menor incidência de claudicações na raça Duroc poderia ser explicada pelo fato da unha pigmentada conter um maior teor de cálcio e magnésio, havendo, assim, uma diferença na mineralização e, provavelmente, uma maior resistência a lesões.

Visto que o exame clínico limitou-se às lesões dos cascos, poder-se-ia inferir sobre um provável papel dos traumatismos articulares e musculares decorrentes do transpote, na origem das claudicações observadas. No entanto, o resultado da Tabela 2 demonstra que houve uma predominância significativa de claudicações nos animais com lesões nos cascos, comparativamente aos animais sem lesões.

Na Fig. 1, estão indicados e descritos os diferentes tipos de lesões encontradas nos reprodutores examinados. As lesões 1, 2 e 3 foram mais frequentes. Neste caso, por se tratar de rachaduras, ocorre facilmente um comprometimento dos tecidos moles do casco, que, tanto à palpação como nas pressões durante a locomoção, dão origem a sensações solorosas que causam claudicações.

As lesões ocorrem predominantemente nos membros posteriores e, nestes, as unhas externas foram mais atingidas. Isto deve-se, provavelmente, ao fato de que a situação externa destas unhas as expõe mais às contusões e porque os cascos dos membros posteriores suportam um peso maior.

## Conclusões

- A incidência de claudicações leves e médias em animais proveniente selecionados para exposições foi de 38%.

- A raça Duroc apresentou a menor frequência de claudicações e menor incidência de lesões nos cascos, seguida das raças Landrace e Large White.

- Ocorreu uma predominância de claudicações nos animais com lesões nos cascos.

- Os membros posteriores apresentaram maior frequência de lesões nos cascos.

- O maior índice de lesões nos cascos ocorreu na unha externa.

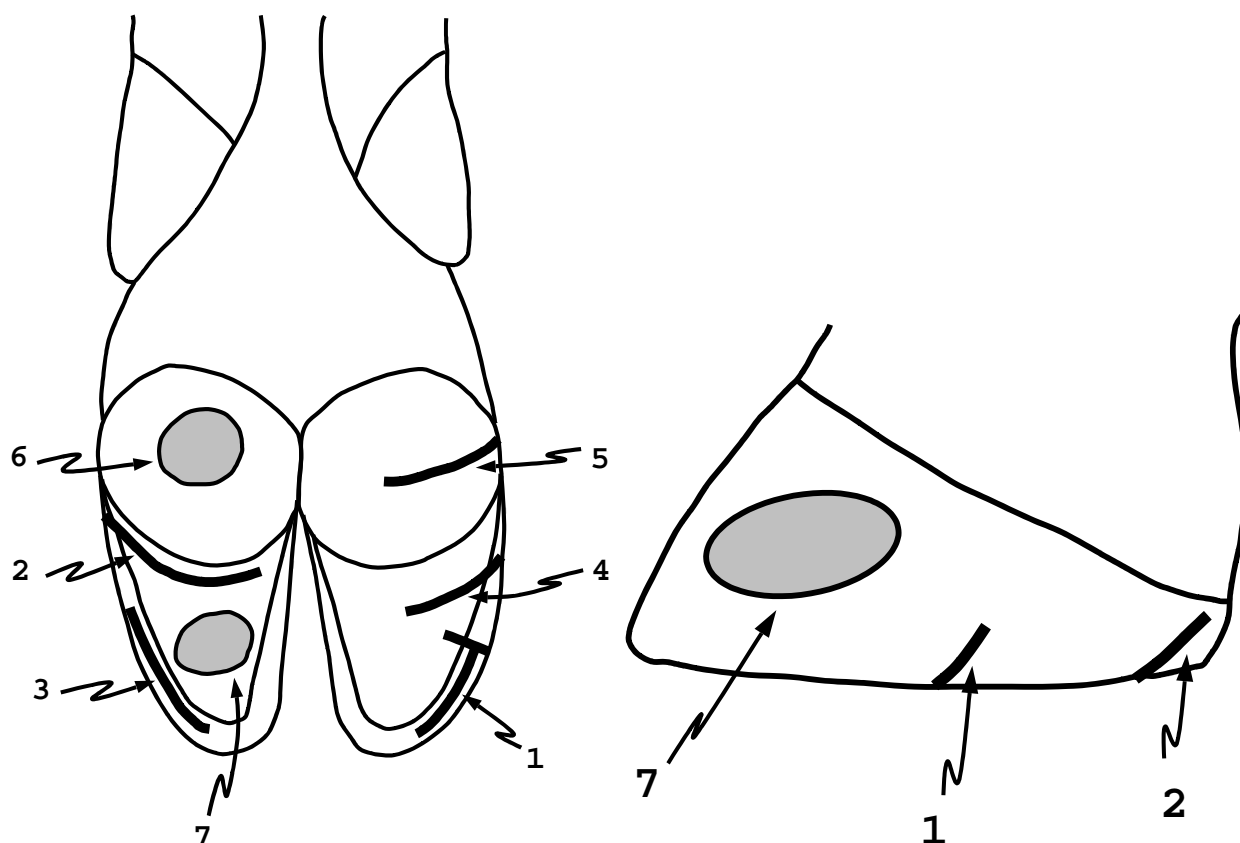


Figura 1 – Descrição e localização dos diferentes tipos de lesões encontradas na região plantar e lateral dos cascos

1. Rachadura vertical na região anterior, medial ou posterior de muralha do casco cuja extensão e profundidade varia. Esta lesão geralmente tem continuidade com rachaduras na sola ou na linha branca.
2. Rachadura oblíqua na região posterior da muralha. Frequentemente esta lesões tem continuidade ou está associada a rachaduras entre a sola e almofada plantar os quais podem resultar no desprendimento da almofada plantar no sentido crânio caudal.
3. Desprendimento da parede lateral da muralha seguindo a linha branca.
4. Rachadura na região da sola.
5. Rachadura na almofada plantar com desprendimento da porção posterior.
6. Almofada plantar aumentada e com lesões necróticas.
7. Desgaste na região da sola e da parede lateral da muralha de extensão variável. Na maioria dos casos em que o desgaste era acentuado foram observados pontos hemorrágicos sob a sola ou muralha.

Tabela 1 – Incidência de claudicações em suínos puros de pedigree de três raças diferentes, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul.

Raça	Nº animais s/ claudicação (%)	Nº animais c/ claudicação leve (%)	Nº animais c/ claudicação média (%)	Nº Total animais examinados
Large White <sup>a</sup>	243 (59,0)	135 (32,8)	34 (8,2)	412
Landrace <sup>a</sup>	209 (60,0)	100 (30,8)	32 (9,2)	348
Duroc <sup>b</sup>	181 (69,1)	71 (27,1)	10 (3,8)	262
Total Geral	633 (62,0)	313 (30,6)	76 (7,4)	1.022

<sup>a,b</sup> Diferença significativa (P < 0,01).

Tabela 2 – Frequência e percentual de claudicações em função da presença de lesões no casco.

Variável	Nº de animais	%
Sem lesão e com claudicação	49	4,79 <sup>a</sup>
Com lesão e com claudicação	340	33,26 <sup>b</sup>

<sup>a,b</sup> Diferença significativa (P < 0,01).